

Tertúlia

“Vamos falar sobre Ser Família!”

22 outubro 2024 | 14h | Solar do Mimo (Seia)

Programa

14h | Receção dos participantes e sessão de boas-vindas

14h30 | Tertúlia “Vamos falar sobre Ser Família!”

- Ana Filipa Afonso | Diretora Técnica da Instituição de Enquadramento para o Acolhimento Familiar da Guarda | Aldeia de Crianças SOS da Guarda

- Ana Luisa Gomes | Assistente Social na resposta de Atendimento Social | Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

- Cristina Ventura | Assistente Social | Câmara Municipal de Manteigas

- Isabel Oliveira | Mediadora Familiar

- Magda Marques Pereira | Psicóloga e Diretora Técnica de Casa de Acolhimento | Instituto de Educação Infantil

- Sandra Santos | Diretora da Unidade de Desenvolvimento Social | Centro Distrital de Segurança Social da Guarda

16h30 | Lanche convívio

17h | Encerramento



Organização



Apoio



Resumo das principais ideias

Iniciou-se esta tertúlia com a questão sobre O que é Ser Família?, ou seja, a família é onde cabe o amor incondicional, a rede que nos suporta, o coração e o afeto, a primeira rede de afetos, de referências, onde se cresce, se fazem as melhores mas também as piores aprendizagens, o primeiro lugar de experiências, onde está o colo e o apoio, onde nos aceitam como somos, com tradições, é uma comunidade. A família podem ser os pais, outros familiares, mas também uma instituição, os técnicos. Todos temos direito a nascer numa família, independentemente da sua forma, na sua diversidade. A família não é sempre igual. A família também falha e nesse caso a comunidade e os serviços têm de fazer o seu papel. Ser

família é difícil hoje. Quantas pessoas não têm a quem recorrer? Que relações afetivas saudáveis teremos no futuro quando temos dificuldades no presente? Como comunidade estamos a falhar nesta epidemia de solidão e isolamento, por isso é fundamental pedir apoio e recebe-lo.

A intervenção com famílias pretende ajudar a alterar comportamentos e proteger as crianças. O que distingue as famílias são os fatores de proteção. Esta intervenção tem que ser capaz de criar empatia e compaixão, maior proximidade, com humildade e uma mente aberta. Há uma tendência para se categorizar as famílias, mas é fundamental que se apoie mais e critique menos. As famílias dirigem-se aos serviços para serem apoiadas e não para pedir conselhos. Somos sistémicos mas agimos de forma individualizada, pois normaliza-se a inação e parte-se do pressuposto que quem está nos serviços é que devem resolver as situações. Os serviços não conseguem acompanhar as transformações sociais, apesar do investimento em medidas para a infância e do quadro legal robusto existente. As políticas públicas têm pouca expressão na comunidade e têm de existir mais equipas na comunidade próxima, como por exemplo a formação de parentalidade com programas certificados (como já foram implementados nos concelhos de Seia e Gouveia através do Grupo Aprender em Festa).

Quando se questiona como se inclui o fator participação na intervenção com as famílias, reconhece-se a importância de criar oportunidades e espaço para a participação. É necessário ver as pessoas e dar tempo às famílias. Refere-se também a importância do diálogo entre quem faz a intervenção e as famílias, onde não pode haver rivalidade. Na mediação familiar todas as partes têm de participar mas é necessário colocar o sistema em volta destas famílias a participar também neste processo. É fundamental haver uma maior sensibilização dos tribunais nesta área e que os processos formais na justiça não se desresponsabilizem nas suas decisões em torno das questões familiares. No entanto, o Estado, a justiça, as empresas não são amigas das famílias. É preciso trabalhar ainda mais na compreensão e identificação dos problemas/desafios das famílias e trabalhar compromissos das várias partes envolvidas. As famílias precisam de ganhar espaço para ganhar voz!

Sobre os desafios que se colocam às famílias nos dias de hoje, é fundamental perceber o atual contexto de pós-pandemia, de guerra, de crise económica, de sociedades individuais, de maior violência e intolerância, o que conduz a uma saúde mental coletiva mais frágil, com impacto nas comunidades e na normalização do silêncio. Hoje há mais falta de amor, de compaixão, de olhar e escutar o outro, há falta de empatia, apesar de toda a gente falar dela,

não se pratica verdadeiramente. Há também muito ruído em volta da parentalidade, que se confunde com autoajuda, onde se procuram respostas rápidas e eficazes, com um coletivo que vende a imagem da perfeição e onde todos têm opiniões. Todas as famílias passam por disfuncionalidades, mas hoje temos dificuldade em relacionar-nos com o que é disfuncional. Falta a referência de origem, o modelo/referência do ser família, falta a comunidade a ensinar o que é ser família. Hoje as famílias enfrentam perturbações mentais, histórias disruptivas e as crianças/jovens queixam-se de não ter a atenção dos pais.

No final fica um desafio para auto-reflexão: o que posso eu fazer para sermos melhor família?